3 - Transcrições

ABRANGÊNCIA E ATUALIDADE DE TOMÁS POMPEU SOBRINHO

F. Alves de Andrade (*)

(Estudo elaborado à guisa de Introdução à 2.ª edição do livro **Protohistória Cearense**, contendo uma síntese da vida e obra de Pompeu Sobrinho, comemorativa do 1.º Centenário do seu nascimento, constante também da homenagem prestada pela Universidade Federal do Ceará com a publicação do aludido livro — Edições UFC. Fortaleza-Ceará, 1980)

Com a publicação de **Protohistória Cearense**, em 2.ª edição, a Universidade Federal do Ceará rende a Tomás Pompeu Sobrinho grata e já consagrada memória no transcurso do 1.º centenário do seu nascimento.

Não diremos que este livro possa assinalar, como o mais importante estudo de sua lavra, conteúdo de feição e sentido global do roteiro por ele percorrido. Seria difícil, para não dizer impossível, tomando de uma só parte um fragmento, assim evocar compreensão em síntese do todo.

Deve-se ao emérito historiador Raimundo Girão a iniciativa da escolha da obra que, todavia, marca e revela a preocupação de Mestre Pompeu Sobrinho de abarcar no espaço e no tempo o Nordeste dentro do Brasil e, no Continente brasileiro, o Ceará todo, do presente às origens.

Ninguém mais ou melhor que o nosso Pompeu Sobrinho soube com vigor tamanho afeiçoar-se à problemática da terra e do homem no Brasil. Fê-lo entre nós como um construtor de ciência, de modo a tornar-se símbolo humano da legenda

---

(*) Do Instituto do Ceará e da Sociedade Cearense de Geografia e História. Da Academia Cearense de Letras e do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará.

que a Universidade Federal do Ceará adotou para o seu destino — **O Universal pelo Regional.**

Em rigor, a este livro, que é um passo adentro do limiar do descobrimento pátrio, outros volumes deveriam seguir-se de modo a constituir, em sua diversificação, a obra completa que legou à posteridade, notadamente aqueles enfoques, muitos deles ainda atualizados e integrantes do processo de desenvolvimento do Nordeste, informes de uma doutrina em mira de uma consciência crítica, a revelar a magistratura do espírito, tão necessária às Universidades da Região, nos desalentados tempos que vivemos.

Na realidade, intelectual erudito, mas engenheiro atuante, geógrafo, antropólogo, historiador, Pompeu Sobrinho tornou-se um obstinado participante dos problemas do Nordeste em que se integrou desde a juventude. Experienciando o saber contemporâneo, pode ser considerado na divisa deste século como um marco de motivações e esperanças.

Ele polarizou, em atitude dinâmica e em sentido projetado, um pensamento ativo, irradiando para o Nordeste e para o Brasil sérias reflexões. Com ele as letras ouviram a necessidade de vera ciência, sem a qual seria impossível garantir a vida. Tentou diretrizes em novos caminhos. Soube acrisolar com erudição e talento uma filosofia do essencial aos anseios de desenvolvimento. Fê-lo com os pés bem firmes na terra, numa visada para o homem, com retículos bem aplicados ao Nordeste, ensinando a problemática de sua gente.

O empreendimento histórico pôde realizar Pompeu Sobrinho, em uma segunda fase de sua lida, depois de haver percorrido a trajetória das obras contra as secas, em plena maturidade de sua vida, à frente do Instituto do Ceará (histórico, geográfico, antropológico).

A partir de 1938 o Instituto deliberou escrever e editar uma exaustiva **História do Ceará**, distribuindo os assuntos em 26 monografias independentes, a serem desenvolvidos pelos sócios da instituição, ocorrendo disposição para uma notável e valiosa contribuição à História do Brasil.

Protohistória Cearense surge em 1946, constituindo a Monografia n.º 4. É editada como a primeira, precedendo as demais na ordem de impressão. Ocupa-se dos acontecimentos ocorridos no Ceará antes mesmo das tentativas de colonização em 1603. Trata do descobrimento do Ceará, ou seja, das costas

cearenses e do Nordeste, como precedente ao descobrimento oficial do Brasil. Abrange fatos de grande interesse nacional, um tanto obscuros e controvertidos.

Preocupado com o caráter científico dos estudos atinentes ao descobrimento do Brasil, dá a conhecer a importância da história quinhentista das costas norte e nordeste do país, em virtude mesmo da posição setentrional, que "oferecia uma saliência considerável para leste, Atlântico adentro, que o aproximava das costas já freqüentemente visitadas da África. Era natural, prossegue o nosso historiador, que nessas costas avançadas, antes que em quaisquer outras, aportassem os aventureiros que procuravam o caminho das Índias, mais ao sul do que haviam feito os descobridores do continente" (1)

Na Introdução de seu livro, documentado com 197 notas, 134 bibliografias e ilustrado com cartografias antigas, dentre as muitas que compulsou e consultou em paciente investigação, resume o autor em três itens a demonstração da monografia publicada: 1.º — que o descobrimento do Brasil pelos espanhóis precedeu ao descobrimento português; 2.º — que esse descobrimento operou-se nas costas cearenses; 3.º — que o local onde abicou a primeira expedição portuguesa de reconhecimento ao Brasil foi na enseada de Curumiquara, município de Anacetaba, hoje São Gonçalo do Amarante (2).

No primeiro capítulo de **Protohistória Cearense** o autor relata o descobrimento do Ceará pela expedição espanhola de Vicente Yanez Pinzón, no fim de janeiro ou começo de fevereiro provavelmente no dia 2 deste mês do ano de 1500 em um cabo a que o descobridor chamou de Santa Maria de la Consolación, cabo que o autor tentou identificar como sendo Ponta Grossa, ou da Jabarana, perto do Aracati, município do Ceará.

A seguir, trata da expedição de Diogo de Lepe, que, tendo deixado o porto de Palos um mês após a partida de Pinzón, encontrou terra americana pouco distante do cabo de Santa Maria de la Consolación em ponto da costa cearense que o autor procura identificar como o atual Mucuripe, depois de costear o Rio Grande do Norte.

---

(1) POMPEU SOBRINHO, Th. **Protohistória cearense.** Fortaleza, Instituto do Ceará, 1946, p. 7.

(2) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. Introdução.

A tese da antecipação de Pinzón a Cabral no descobrimento de terras no Brasil tem, a seu favor, brasileiros e estrangeiros, a exemplo de Humboldt, Varnhagen, Navarrete, Rodolfo Garcia, Capistrano de Abreu, Sambaber, Caetano da Silva, Sophus Ruge, Barão do Rio Branco, Marcondes de Sousa e outros. "Os historiadores estrangeiros, não oriundos da Ibéria, observou Pompeu Sobrinho, são unânimes em confirmar a prioridade espanhola. No grupo dos mais autorizados, há que salientar Henry Harrisse que, na sua grande obra, **The Discovery of North America**, analisou a questão; Robert Southey; Justin Winsor; Orville Derby, que dedicou quase toda a sua vida a estudos brasileiros..." (3)

Acrescenta ainda o autor de **Protohistória Cearense**, que o mais brilhante e autorizado historiador pátrio, Capistrano de Abreu, afirmou "ser a viagem de Pinzón de **inconcussa autenticidade**, tendo o governo espanhol, Juan de la Cosa, seus contemporâneos e além de muitos outros, todos historiadores, dado testemunho dela". O mais notável deles, João Ribeiro, segue Varnhagen e é categórico, escrevendo: — "Pelo que acabamos de referir, não há dúvida alguma que os espanhóis tiveram a prioridade histórica ou cronlógica no descobrimento do Brasil". Todavia, foi uma posse sem reconhecimento jurídico, interceptada pelo Tratado de Tordesilhas. Em conseqüência, lembra o autor que os descobrimentos de Pinzón e Lepe e as concessões que lhes fizeram os reis católicos resultaram nulos de pleno direito, sem qualquer efeito político, desde que se verificou acharem-se dentro do domínio português, caindo no esquecimento os descobrimentos daqueles nautas no Brasil (4).

A prioridade histórica dos espanhóis, assim tão imparcial e simplesmente explicada, em nada prejudica, como asseveram os nossos estudiosos, a autenticidade jurídica do feito português. (5) Trazendo à baila a réplica de alguns ardorosos historiadores, ciosos da precedência cronológica de Cabral no descobrimento do Brasil, o autor, se não estorna, naturalmente põe termo à grande controvérsia, com esta mais simples e evi-

(3) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 8-9.

(4) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 7.

(5) GUARINO ALVES. Vicente Yanez Pinzón. O descobimento do Brasil pelos espanhóis. **Vera Cruz**, t. 1. Este importante estudo debate a mesma tese do descobrimento pelos espanhóis na costa cearense. O autor é um dos especialistas do Instituto do Ceará da plêiade de revisionistas neste campo da historiografia. Diverge em alguns pontos alusivos aos locais da costa cearense onde se efetuou o descobrimento, continuando a sua pesquisa em via de elucidação.

dente conclusão: "**A história**, transcendendo os interesses políticos de uma época e de um povo, obriga-se a expor e explicar os acontecimentos tais como ocorreram e se processaram sem guardar conveniências de qualquer espécie" (6).

Transpondo a matéria controvertida e enriquecendo a historiografia com alentada contribuição, o autor disserta sobre as primeiras viagens pelas costas do Ceará, tema dos mais obscuros e de escassa documentação. Oferece em sugestivos lances a relação subseqüente das expedições presumidas ou conhecidas que velejaram por este ângulo da costa nordestina — Gonçalo Coelho ou João Coelho, Diogo Ribeiro e Estêvão Froes, Pero Galego, Haro, João de Braga — a frota de Aires da Cunha — a expedição dos filho de João de Barros e a de Luís de Melo. Naqueles ínvios e tão remotos alcances, expõe por que as costas nordestinas eram tão freqüentadas: "a sedutora idéia de que seria possível ir das ribas do Atlântico, no nordeste brasileiro, às minas do Peru, contribuiu positivamente para que essas costas fossem assiduamente procuradas naqueles tempos..." (7) Tal idéia, porém, em relação ao Ceará, não demorou por estas plagas. Emigrou para o golfo do Maranhão e depois para o Amazonas, ficando, então, pos mais de um século abandonada, após sua descoberta, a costa cearense.

Neste trepidante mar de conjeturas, o autor reexamina as capitanias hereditárias, o acentuado centrifugismo, tecendo suas apreciáveis e primorosas considerações que fazem remontar à pré-história o drama dos graves problemas envolventes do Ceará — um desafio de lutas predecessoras da colonização.

O terceiro capítulo do livro, o mais vasto, é dedicado a estudo da costa cearense na cartografia quinhentista. Começa por observar o curioso fato de que, nos mais antigos mapas da América, sempre figura a costa do Nordeste do Brasil, inclusive o Ceará, em toda a sua extensão (8).

Refere-se à classificação dos mapas quinhentistas, à impressão do traçado do meridiano demarcatório de Tordesilhas, suas conseqüências. Tece considerações em torno do primeiro mapa da América em que se destaca o desenho das costas cearenses, vistas no planisfério de Juan de La Cosa. Transporta-se a identificações toponímicas. Reportando-se ao mapa

(6) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 8.
(7) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 50.
(8) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 83-190.

de Alberto Cantino, indaga como se explica a omissão de nomenclatura na costa nordestina do Brasil. Considera o valor técnico e documentário deste mapa para a pré-história nordestina. Entre algumas identificações interessantes revela o seu pensamento, prosseguindo as suas reflexões a respeito dos mapas de Munich, a angra de S. Roque, o artístico mapa de Canério e a falta de inscrições na costa do Ceará, Santa Maria de Grácia e a baía do Retiro.

No longo sumário do referido capítulo arrolam-se outros documentos básicos das investigações a que se ateve, a exemplo de: os cartógrafos do Ginásio dos Voges; Itacomylus e as cartas da **Cosmographiae Introductio;** a carta publicada em 1507 e o ciclo dos mapas lusitano-germânicos e respectivo exame. Considera ainda: o Ptolomeu de Tesinus e o mapa de Jean Ruysch, os montes de S. Vicente **versus** serranias de Maranguape e Aratanha; o mapa do cronista Pedro Martir; o mapa número 2803 do Eggerton e três rios do Ceará. Além destes, as referências se estendem; os mapas do Almirante e o de Leonardo da Vinci; a angra e a enseada do Mucuripe. Além de outras curiosidades o autor ainda se refere a outros mapas do tipo luso-germânico, mapas italianos, mapa do conde Ottomano Freducci e a "Costa de R. Rocco" no Ceará, Paricura, a identificações de topônimos cearenses e a indicações de acontecimentos históricos, o monte Li, as palmeiras do litoral cearense.

Seria por demais enfadonho completar as referências, bastando apenas, para concluir, mencionar o célebre mapa da biblioteca da Ajuda ou o mapa das Capitanias; pela primeira vez aparecem os topônimos indígenas Mucuripe e Jaguaribe. No último capítulo de sua obra, o autor faz observações complementares relativas à viagem de Pinzón, Diogo de Lepe e Américo Vespúcio. Finalmente, a densa exposição acompanhada da crítica elucidativa contida na **Protohistória Cearense** constitui um valioso repositório a revelar o pensamento de Pompeu Sobrinho, considerado o cientista, consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense numa visão integradora do Nordeste.

A esta altura, é preciso esclarecer que a controvérsia em alguns pontos obscuros, referentes à localização de topônimos e acidentes geográficos do descobrimento do Brasil pelos espanhóis, notadamente na costa cearense, longe de invalidar a tese do autor, mais parece genericamente reforçar as suas

assertivas, nos seguintes pontos essenciais: 1.º — que o descobrimento do Brasil pelos espanhóis precedeu ao descobrimento português; 2.º — que esse descobrimento operou-se na costa cearense.

Não nos deteremos no exame de contestações fora daqueles pontos essenciais, uma vez que esta exposição se faz menos no sentido da apresentação deste fundamental livro já consagrado, que da motivação a caminho de oferecer outros informes necessários ao conhecimento da vida e obra completa do autor, homenageado no transcurso do 1.º centenário do seu nascimento, no Ceará.

OS ERUDITOS TOMÁS POMPEU

Há uma plêiade de escritores no Ceará voltados para a problemática da terra e do homem do Nordeste brasileiro. Uma singularidade avulta e emerge da preocupação desses estudiosos, de tal modo a ser possível ao observador colher em seus escritos uma doutrina, cuja expressão cultural, anímica, tentamos definir como **Humanismo telúrico**, num encadeamento de idéias e sentimentos que vêm de longe.

O **élan vital** desse humanismo tem as amarras e antevisões, influxos, a partir do Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil, considerado o patriarca dos estudos cearenses. Em verdade, suas preocupações se transmitiram qual nova espécie de herança a outros rebentos dessa importante família, em sua origem, um dos clãs sertanejos, cujo vulto extraordinário, no seu tempo, prefigura a vigorosa expressão do que Nertan Macedo, ao estudar "O Clã de Santa Quitéria", caracterizou-o como clã de vaqueiros, políticos e eruditos.

Estudando Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho convém situá-lo no quadro ou paisagem visual do "Humanismo Contemporâneo" que busca a transformação de mentalidades, do mundo e das coisas em benefício do homem, considerado este como o bem maior (9).

O Humanismo Telúrico do Nordeste revela-se no esforço compreendido tendo em vista assegurar melhores condições para o desenvolvimento econômico e social do Nordeste brasileiro. Neste sentido uma consciência crítica vem-se elabo-

(9) **Apud** CSHAFF, Adam. O humanismo marxista; problemas culturais e filosóficos **Rev. Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, 1 (9-10): 172, 346, set./nov., 1966.

rando desde o Senador Pompeu, alcançando sistematização com Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho.

O estudo destas preocupações, a luta das comunidades rurais e urbanas do Nordeste para transformar em providências governamentais as aspirações de desenvolvimento assumem novo aspecto, originando-se das linhas mestras do pensamento daqueles escritores geopônicos, persistindo a sua motivação frente os desafios dos novos tempos.

O Ceará, como centro geográfico das secas, que marcaram as preocupações com os estudos tendentes a dar solução ao desafio das contingências físicas do meio-ambiente, parece concentrar maiores fontes do despertar para uma política objetiva centrada numa visão sistêmica, no tempo e no espaço, da realidade regional.

A estirpe dos Pompeus de Sousa Brasil avulta na história das idéias, sendo necessário rever as raízes e frondes da árvore ancestral. Deve-se ao historiador Raimundo Girão, no artigo que escreveu sob a epígrafe — **Os Pompeus, Família Ilustre**, a referência e indicação de suas origens (10).

Vieram de sua vila **Rifana do Sousa**, atualmente **Arrifa do Sousa, Bispado do Porto, Portugal**, chegando ao Brasil, em **Natal**, do **Rio Grande do Norte**. Eram inicialmente três irmãos: Manuel, José e Francisco. O último teve doze filhos, e de um deles, Antônio José de Sousa Oliveira, que faleceu em Natal em 1807, nasceu Tomás Aquino e Sousa, em 7 de março de 1780, futuro Capitão-de-Milícias em Santa Quitéria do Ceará, casado com Geracina Isabel de Sousa. Destes é filho Tomás Pompeu de Sousa Brasil, nascido naquela povoação, hoje cidade, em 6 de junho de 1818, tendo falecido em Fortaleza, a 2 de setembro de 1877.

Mister se faz lembrar e distinguir para as gerações presentes e futuras os três eruditos cearenses, que tendo o mesmo nome de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, avultam entre os clássicos dos estudos do Nordeste. Em se tratando dos assim considerados **clássicos**, a expressão não se prende à conceituação habitual dos compêndios de literatura. Emprega-se aqui para representar a experiência do humano que resta de uma

---

(10) GIRÃO, Raimundo. Os Pompeus, família ilustre. **Rev. da Academia Cearense de Letras, 76 (36): 51-73, 250, 1975.** Vide também, referido pelo autor, **apud CÂMARA CASCUDO. A Família do Padre Miguelinho. 1960. (Coleção Mossoroense, 55).**

herança cultural vivida numa compreensão dos problemas da terra e do homem da região.

Dos rebentos da árvore ancestral, vê-se que o primeiro Pompeu de Sousa Brasil é o patriarca dos estudos cearenses. Este veio a ser o famoso Senador Pompeu. No campo educativo, foi o fundador e 1.º Diretor do velho Liceu do Ceará, palmilhando a existência entre 1818-1877. O segundo, filho deste, é nimiamente um erudito, mas pensador ativo; foi fundador da Faculdade de Direito do Ceará, tendo vivido de 1852 a 1929. Foi o continuador da política de seu pai, palmilhando o mesmo caminho. O terceiro, sobrinho do segundo e neto do primeiro, Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, não foi político, participando, porém, ativamente da administração pública e privada. Não foi profissional do Direito como os dois primeiros, mas engenheiro, homem das ciências naturais, com profunda consciência humanista, considerado justamente pelo historiador Raimundo Girão como "a mais inteiriça cultura do Ceará em todos os tempos" (11). Teve a mais provecta existência (1880-1967), marco do pensamento positivo, indicador do passado e do presente século.

Com o senador, seu avô, e Tomás Pompeu, seu tio, Tomás Pompeu Sobrinho, diz muito bem Parsifal Barroso, forma a trindade de eruditos, a que nenhum estudioso desta região pode deixar de recorrer e consultar (12). Observa o douto conterrâneo, em memorável estudo, que "dificilmente é possível encontrar exemplo igual na história literária do Brasil, onde as dinastias do talento não vão além de duas gerações. Em terras cearenses, uma família consolidou seu nome ilustre através da continuidade de três de seus membros que voltaram seus pendores de inteligência, sua acuidade de observação e espírito de pesquisa ao trabalho exaustivo do inventário desta região" (13).

O Senador Pompeu era padre e bacharel em Direito. Ordenou-se pelo Seminário de Olinda a 18 de setembro de 1841, no mesmo Seminário por que passaram os padres Miguelinho e Mororó, seus primos, revolucionários da Confederação do Equador, estruturado por uma reforma liberal do moderno saber contemporâneo.

---

(11) GIRÃO, Raimundo. Op. cit., p. 61.

(12) BARROSO, Parsifal. O Senador Pompeu; um cabeça chata autêntico, político realista e anti-impostor. Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza, 97: 189-210, jan./dez., 1977.

(13) BARROSO, Parsifal. Op. cit., p. 189.

Seu pai, Tomás de Aquino de Sousa, também compatuara com aquele movimento, assinando a ata do Conselho da revolução de 1824, tendo sofrido perseguições que o levaram à penúria de sofrimento e haveres. Casando-se em Santa Quitéria com filha da rica senhora Isabel Pinto de Mesquita, fixara-se no famoso Clã daqueles sertões cearenses.

O impulso nativista que logo após a Independência irrompeu no sentido de consolidar os sentimentos nacionalistas fez com que muitos mudassem nomes portugueses por nomes nacionais da terra, plantas da flora, animais da fauna, ou apelidos indígenas. Foi assim que o filho de Tomás de Aquino de Sousa acrescentou a seu lusitano Sousa os nomes de Pompeu e Brasil, o primeiro, talvez levado por inspiração de leituras clássicas, e o segundo, o de seu país (14).

Ordenado presbítero em 1841, colou grau de bacharel em ciências jurídicas em 1843, voltando no mesmo ano ao Ceará, onde se filiou ao Partido Liberal, passando de sacerdote a jornalista, advogado, educador, político, elegendo-se Deputado geral e Senador do Império, para tanto asseguraram-lhe foros não só a privilegiada inteligncia e capacitação cultural, mas a infraestrutura de importante família no campo e na cidade.

Sacerdote, sempre respeitado, figura impressionante para o seu povo, à testa do qual se colocou como um líder autêntico, o patriarca manteve-se firme em suas convicções religiosas, sempre prezou o seu estado de clérigo, defendendo a doutrina da Igreja até o fim de sua vida, recomendando a seus filhos que o sepultassem revestido de hábitos talares. Livre-docente de Teologia no Seminário de Olinda, de início nomeado vigário-geral forâneo do Ceará, em todas as posições assumidas foi uma figura impressionante, como sobejamente demonstram os seus biógrafos (15).

Em linha partidária, é visto como um liberal avançado do grupo ortodoxo do liberalismo, que tinha fundas raízes nos movimentos republicanos de 1817 e 1824, quando seus parentes bem próximos, os padres Mororó e Miguelinho, foram imolados aos ideais de liberdade e republicanismo. Como político soube exercer a representação com ciência e experiência, mantendo a postura do estudioso: jornalista, geógrafo e es-

(14) BARROSO, Parsifal. Op. cit., p. 193.
(15) BARROSO, Parsifal. Op. cit., p. 197.

critor de recursos naturais, foi realmente um pioneiro da política objetiva no Brasil.

O segundo Tomás Pompeu de Sousa Brasil foi um pensador erudito mas sempre de pensamento positivo. Fez estudos superiores na Faculdade de Direito do Recife (1872), quando aquela instituição era quase a fonte única formadora de profissionais do direito. Despachava para o Brasil, notadamente para o Norte e Nordeste, líderes de um novo pensamento, arrimado nas concepções liberais e nativistas que então almentavam a consciência nacional. Admirava o idealismo alemão e por isso não renegou o regelianismo, que ele procurou conciliar com o contismo, a exemplo do que fizera Taine: "Uma concepção do mundo limitada ao lado sensorial e experimental, uma dúvida sistemática quanto aos problemas de origem, uma aversão por todas as doutrinas místicas, um ceticismo não fisolófico, mas científico, quando a ciência procura dar uma explicação do mundo fenomênico, foram essas, parece-nos, explica José Sombra, as idéias cardeais de Tomás Pompeu" (16). Em relação à problemática da terra e do homem do Nordeste, ele procurou, revisando, ampliando, focalizando outros ângulos, seguir as preocupações de seu pai, rumo à política objetiva.

Em política partidária retomou o caminho do seu pai como um continuador. Ambos, o pai e o filho, foram bons políticos, intranssigentes defensores da problemática regional, que conheciam através de estudos próprios e pesquisas pioneiras, debatendo temas de interesse econômico e social no parlamento, com mestria insuperável, ocupando posição destacada no legislativo, não por conchavos partidários, mas, pela evidência do seu talento e cultura. "Ambos vincularam os seus nomes às instituições políticas brasileiras, revelando um padrão clássico de vida pública norteada pela abnegação, pelo desinteresse, pelo espírito de renúncia" (17).

Este 2.º Pompeu soube reunir sabedoria teórica e prática. Ajudado por seu irmão, o Dr. Antônio Pompeu, foi o pioneiro da indústria de tecidos no Ceará. Caracteriza-se como um pensador ativo, na mais completa compreensão (18). Em

(16) SOMBRA, José. A figura de um pescador. **Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza: 67, 1929. (T. Especial).

(17) STUDART, Barão de. Tomás Pompeu de Sousa Brasil e João Perdigão de Oliveira. **Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1929. (T. Especial).

(18) ANDRADE, F. Alves de & GALENO, C. M. Santiago. **Humanismo telúrico no nordeste. Ed. H. Galeno, 1971.**

síntese, diremos que o primeiro Pompeu foi o precursor da geopolítica regional. O segundo foi o erudito, mais um pensador ativo. O terceiro, Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho é o cientista, o consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense, numa visão antropológica, integradora do Nordeste. Não ingressou na política partidária, mas fez política científica ao nível do seu tempo, a partir dos pressupostos de uma geografia ativa, que ele também, como pioneiro, soube cultivar. Sua obra não foi superada, pois tentou vigorosos esboços de uma política objetiva, abrangente do passado, em mira do presente, em demanda ao futuro. Legou-nos um substrato ainda vivo para a continuidade histórica dos estudos de desenvolvimento regional.

É interessante tentar um breve esboço de sua obra, na qual ele experienciou os conhecimentos de sua época, propôs uma perspectiva antropológica. Situou-se na trajetória de um legado histórico-cultural.

ABRANGÊNCIA E ATUALIDADE DE T. POMPEU SOBRINHO

A vida de T. Pompeu Sobrinho, nascido em Fortaleza, a 16 de novembro de 1880, e falecido a 9 de novembro de 1967, é uma curiosa trajetória do físico ao humano. Filho de Antônio Pompeu de Sousa Brasil, médico, pioneiro da indústria de tecidos no Ceará, e de D. Ambrosina Pompeu de Sousa Brasil, cedo cursou a Escola de Minas de Ouro Preto. Ainda estudante dedicou-se à exploração de uma mina de ouro na povoação de Antônio Pereira a duas léguas da antiga cidade. Não conseguindo resultado, tentou reconstruir uma velha fábrica de ferro onde eram forjadas ferraduras de animais.

Em 1903, aos 22 anos, ao sair da Escola, volta de Minas para o Ceará, onde ingressa na administração pública como Engenheiro ajudante da Comissão do Açude Quixadá, onde se radicou, sendo sucessivamente promovido a Engenheiro da Primeira Secção, a Engenheiro-Chefe do 1.º Distrito da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

O estabelecimento daquela fundamental agência de operações IFOCS, criada pelo Decreto 7619 de 21 de outubro de 1909, quando era Ministro da Viação e Obras Públicas, Francisco Sá, ligado por afinidades de parentesco às famílias Pompeu-Acióli, veio a encontrar o Engenheiro Pompeu Sobrinho

em prelúdio de atividades, frente ao desafio das secas. É neste ponto que se assinala o despertar para uma — **Fase de intervenção e sistematização através de estudos e obras**, no contexto da periodização que ousamos formular para uma nova **História das Secas** (19).

É sob o comando do Engenheiro Miguel Arrojado Lisboa que decola a operação das obras contra as secas no Nordeste. Uma programação de índole científica, com laivos de verdadeiro espírito universitário, inaugura-se com levantamentos topográficos, geológicos, hidrológicos, botânicos, que permitiram engendrar esboços cartográficos, servindo de base aos primeiros mapas. Um copioso acervo informativo que, ainda hoje, se alcançado, ou salvo da culposa indiferença que o levou à destruição, continua ou resta como única fonte informativa sobre o mar revolto da acintosa ignorância de omissos relatos da onda rotineira, que vai sobrando sem leitura na poeira dos arquivos.

Dessa nova espécie de aridez resulta o desacato aos verdadeiros cientistas e técnicos nacionais que vão sendo esquecidos ou considerados incapazes, vão sendo substituídos por uma incrível indústria de projetos de agenciadores estrangeiros com os quais se esvai a minguada finança ou economia.

A equipe de estrangeiros que Arrojado Lisboa trouxe ao Nordeste, porém, veio com um ideal de abrir caminhos através da ciência e fazer continuadores entre nacionais. Observa com muita razão Pompeu Sobrinho que "as primeiras providências no sentido da irrigação começaram com vistas largas e em grande estilo" (20).

Arrojado era um engenheiro de formação humanista, o que vale dizer, um engenheiro culto. Parece que, de sua mente, a IFOCS recebeu os ideológicos e dominantes influxos do pensamento então vigorante da escola determinista de Ratzel, que atribuía maior importância ao meio do que ao homem. Adaptar o meio ao homem mediante a implantação de grandes barragens e produzir o florestamento ou reflorestamento das áreas desnudas era a 1.ª solução.

Havia, ao impelir da mola, uma doutrina, um pensamento diretor, uma teoria agente. Em 1913, Arrojado Lisboa pro-

---

(19) ANDRADE F. ALVES de. **Agronomia e humanismo; problemas de política econômica e ducacional.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

(20) POMPEU SOBRINHO, Th. **História das Secas.** Ed. Batista Fontenele, 1973. (Coleção Instituto do Ceará, monografia, 23).

nunciava no Rio de Janeiro uma conferência profética: "— Somos assim arrastados a enunciar o problema político que surge afinal como cúpula nessa complexa edificação a elaborar" (21).

Importante é considerar como aquelas idéias influíram na mente do ainda jovem Pompeu Sobrinho, agitando-se com os demais companheiros pelos sertões. Seguindo uma diretriz histórico-geográfica é que ele produziu memórias justificativas do "Açude Quixeramobim", do "Açude Riacho do Sangue" e do "Açude Poço de Paus", assim iniciando os primeiros passos em mira da ciência, como se fosse a IFOCS o seu laboratório e campo de observações. Tornara-se desde então o maior pesquisador das secas no Nordeste.

A Memória Justificativa ao Inspetor da IFOCS sobre o "Açude Quixeramobim", documentada na **Revista do Instituto do Ceará** (26: 215-79, 1912), mantém a retentiva em mira do problema das secas e seus remédios. Disserta sobre as zonas áridas objetivando a irrigação em diversos países. Examina as tentativas no Ceará em seus primórdios, remontando ao histórico das providências tomadas em 1884 referentes ao açude Quixadá, somente concluído em 1906. Procura elucidar as vantagens sócio-econômicas da solução do problema das secas. Faz um esboço histórico de Quixeramobim, sua hidrografia, seu aspecto botânico, climático, para depois chegar ao projeto propriamente dito do açude, descrevendo os elementos técnicos da barragem e componentes de sua construção. Finalmente, dá a conhecer a fundamentação bibliográfica do seu estudo, concluído como engenheiro Chefe da 1.ª Seção.

Preocupa-se com a construção do açude Orós, como um precursor desta iniciativa, tendo entre 1910 e 1911 descoberto o local indicado e estudado — o boqueirão. Estuda em relação a essa grande barragem, sua significação econômica e humanitária (1926) (22).

Em 1927 publica na **Revista do Instituto do Ceará** interessante artigo em que se pronuncia sobre "A capacidade irrigatória do Orós", que até então não se conseguira fixar, va-

---

(21) LISBOA, Miguel Arrojado. O Problema das secas. **Boletim do DNOCS**, 20; 42-55, nov. 1959.

(22) MACEDO, Nertan. Tomás Pompeu Sobrinho: o homem que redescobriu o Ceará. **O Povo**, Fortaleza, 14 out. 1965.

riando as opiniões entre 40.000 e 200.000 hectares. Adotando o autor dados de sua própria observação pessoal e outros mais, e supondo o reservatório cheio, na cota 205, avaliou em 85.000 hectares continuamente, mesmo que sobrevenham sucessivamente dois anos de grandes secas (23). A área que deveria ser aparelhada é avaliada em 100.000 hectares, um pouco superior à indicada, tendo em vista o repouso de alguns solos e o conveniente preparo de outros. No ano anterior (1926), o autor publica a sua pré-análise — **A Construção do Açude Orós, sua significação econômica e humanitária.**

Considere-se que, em rigor, estes trabalhos de Pompeu Sobrinho se desenvolvem numa ótica otimista, vasada na tentativa de justificar a necessidade da construção da grande barragem. Acompanha a conjetura do inglês P. Omeara que em seus relatos considerava as terras do Jaguaribe tão férteis que exportadas serviriam para adubo, bem assim a opinião de um outro especialista da hidráulica, J. J. Revy, o qual supunha não existir em qualquer região do mundo melhores terras do que as do Vale do Jaguaribe para a irrigação (24).

Não desconhecia o autor as limitações daquela capacidade pois até cita a estimativa do engenheiro R. Rives, para quem o reservatório poderia irrigar de 41.000 a 45.000 hectares. Todavia, seguindo observações relativamente a Quixadá, Pompeu Sobrinho avança na estimativa pessoal de 85.000 hectares. Estaria certo ou errado? Estava com a sua experiência e convicção.

Decorrido mais de meio século, os estudos hidrológicos, com base na vazão regularizada de 23m³/s e tomando por orientação o consumo de 15.000 m³/ha/ano, o açude Orós, com o auxílio do açude Castanheiro a ser construído, irrigaria 48.355 hectares. Em uma segunda alternativa de consumo à base de 10.000 metros cúbicos hectare/ano, o mesmo açude com o seu auxiliar teria uma capacidade irrigatória de 72.532 hectares, o que se aproximaria um tanto do que previra o autor. Considere-se porém as situações diferentes no tempo em

---

(23) POMPEU SOBRINHO, Th. **A Capacidade irrigatória do açude Orós. Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. 41: 159-166, 1927.

(24) POMPEU SOBRINHO, Th. **A Construção do açude Orós; sua significação econômica e humanitária**. Fortaleza, Tip. Gadelha, 1926.

condições, métodos e posicionamentos de uma e de outra avaliação ([25]).

Uma reflexão todavia se impõe na atualidade. **É que**, mesmo seguindo pressupostos modernos, o espírito de cautela, conjectura, não possuindo o DNOCS estações experimentais que, mediante pesquisa e experimentação **in loco**, forneçam dados mais completos de conteúdo sistêmico e operacional.

Em outro estudo com título — **O Fator moral na construção dos grandes açudes e as grandes barragens cearenses** (1933), põe em evidência normas de cautela e segurança, de conteúdo ético e político ([26]). Em 1922, publica seu fundamental livro, **Esboço fisiográfico do Ceará**, apresentado como monografia, em 1916, ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia (Salvador-Bahia). O congresso, considerando "que a escola triunfante dos neo-geógrafos vai sugerindo a necessidade dos trabalhos **insitu**, como os verdadeiros e mais seguros repositórios de informações", elogiou esta contribuição de Pompeu Sobrinho como "uma bela conquista do espírito nacional, digna de ser imitada em todos os Estados do Brasil" ([27]). Em 1962, o Reitor Martins Filho, da Universidade Federal do Ceará, fez publicar pela Imprensa Universitária do Ceará a 3.ª edição deste livro indispensável ao ensino. Experienciando a atualidade dos conhecimentos geográficos no território cearense, o autor, tendo percorrido passo a passo sua terra, dá a conhecer o clima, a hidrografia, os rios, o relevo do solo e seus detalhes, o esboço geológico, as rochas e finalmente a vida através da fauna e da flora que ele conhecia, não apenas teórica, mas prática e palpavelmente como um deslumbrado da natureza viva do Ceará.

Em 1922 é publicado o livro **O Ceará no Centenário da Independência do Brasil**, da autoria do Segundo Tomás Pompeu, livro que traz, na maior parte, contribuição de Pompeu Sobrinho, a exemplo do sumário reservado ao — Clima —

---

(25) Apontamentos fornecidos ao autor pelo DNOCS. Estes dados devem ser confrontados com estudo do Eng.º **Manfredo Cássio de Aguiar Borges. Disponibilidades hídricas do Vale do Rio Jaguaribe no Estado do Ceará.** MINTER/DNOCS, segundo o qual os recursos hídricos do Vale (Açude Orós, Banabuiú e Castanheiro) permitiriam irrigação máxima de 50.000 ha. Continua assim a controvérsia.

(26) POMPEU SOBRINHO, Th. O Fator moral na construção dos grandes açudes e as grandes barragens cearenses. **Rev. do Instituto do Ceará.** Fortaleza, t. 47: 78-88, 1933.

(27) POMPEU SOBRINHO, Th. **Esboço fisiográfico do Ceará.** 3.ª ed. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962.

Hidrografia — Relevo — Esboço Geológico — Rochas — Vidas — Secas e suas conseqüências econômicas, além de outros capítulos sobre agricultura e pecuária ([28]).

Em 1924, escreve e publica na **Revista do Instituto Politécnico do Ceará** — "O Rio Jaguaribe e o aproveitamento agrícola do Vale" instruindo bastante sobre aspecto relevante para a economia da região ([29]). A preocupação obsessiva das secas leva o engenheiro a tratar de estudos relacionados com a geografia no plano político, a exemplo da monografia que em 1927 publicou com o título — **Fatores geográficos da autonomia nacional** ([30]). Este ensaio constitui a tese com que o autor se fez representar no VIII Congresso de Geografia, realizado em novembro de 1926 em Vitória, Estado do Espírito Santo.

No estudo acima referido, louvado "pelas luzes que emanam de suas páginas", como declara o Congresso, o autor parte do princípio que o Estado não é, como se pensava outrora, "o resultado da inteligência e da vontade humana aplicadas às necessidades políticas... A sociedade humana somente se tornará autônoma se ao lado das condições físicas tiver forças para se ajustar ativamente a esse meio" ([31]).

Afirmando o critério da adaptação ativa mais parece fugir ao determinismo geográfico de Ratzel em voga, mas tão sujeito à crítica. Assim o autor considera que "o homem pode pela simples força de suas faculdades intelectuais atenuar as ações de um clima enervante e preparar uma ambiência que se adapte a ele mais do que ele teria de se adaptar a ela" ([32]).

Estuda as potencialidades do vastíssimo continente brasileiro frente à fraqueza da dominação portuguesa, tornando-se capaz então de iniciar sua existência política "cuja gestação, trabalhada pela geografia ao lado de outros fatores, devia durar pouco mais de três séculos". Na extensíssima costa trabalhada toma vulto e esboço o gérme da Nação. A penetra-

(28) BRASIL, Th. Pompeu de Sousa. **O Ceará no centenário da Independência do Brasil.** Fortaleza, Tip. Minerva, 1922. 2 v.

(29) POMPEU SOBRINHO Th. O Rio Jaguaribe e o aproveitamento agrícola do Vale. **Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1924.

(30) POMPEU SOBRINHO, Th. **Fatores geográficos da autonomia nacional.** Fortaleza, Tip. Gadelha, 1927.

(31) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 91.

(32) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. III.

ção da massa humana no interior, notadamente no Nordeste, desde a bacia do São Francisco à do Parnaíba sobre os campos ondulados com as suas associações florísticas, ocorrendo a proliferação dos animais domésticos, sendo as populações fartamente alimentadas, propiciou índole e força de libertação, uma trajetória para a independência (33).

Apoiado em vasta bibliografia de autores nacionais e estrangeiros, Pompeu Sobrinho dá-nos um expressivo texto pioneiro dos estudos de geopolítica no Brasil, concluindo que podemos confiar no seu futuro. E citando F. Gerald, num pronunciamento aos brasileiros: "sois donos de uma parte respeitável do planeta; abrigais no vosso solo todas as raças; tendes no subsolo todas as riquezas que são a base do progresso material; no âmbito de vossa República há todos os climas; aqui a humanidade está achando terreno para uma das derradeiras civilizações do globo. Por ser das últimas será por certo das mais requintadas e brilhantes" (34).

Sob o domínio desse um quase ufanismo é que o nosso Pompeu Sobrinho se dispõe a contestar a tese pessimista, de talentoso sabor literário e de largo efeito sentimental, que o consagrado paulista, Paulo Prado, em seu livro — **Retrato do Brasil** (35) lançou nos albores da revolução de 1930 (1926-1928). O influente escritor, um dos organizadores da Semana da Arte Moderna, aristocrata de família e de letras, conseguira em várias edições do seu livro, que traz o sugestivo subtítulo de **Ensaio sobre a tristeza brasileira**, recorde de livraria. Paulo Prado parte da imaginosa assertiva: "numa terra radiosa vive um povo triste". E para interpretar a tristeza nacional, alinha fatores e argumentos que, à guisa de testemunhos históricos, bem poderiam ser representados na equação:

LUXÚRIA + COBIÇA = MELANCOLIA

Em livro com o título de **Retrato do Brasil — Pequenos Retoques** (1930). T. Pompeu Sobrinho considera a tese de Paulo Prado mal alicerçada. E como poderia repercurtir desfavoravelmente no coração da mocidade nacional, oferece a sua contradita (36).

(33) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 35.

(34) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 84.

(35) PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil; ensaio sobre a tristeza brasileira.** 4.ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1931.

(36) POMPEU SOBRINHO, Th. **Retrato do Brasil; pequenos retoques.** Fortaleza, Tip. Minerva, 1930.

O notável publicista vira o dinamismo dos descobridores e colonizadores do Brasil "como obedecendo a dois grandes impulsos: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar". A era dos descobrimentos "fora o resultado do movimento de libertação individualista, que varreu o medo de Deus e do Diabo — que tanto torturavam os espíritos cristãos" (37).

Em sua contradita, Pompeu Sobrinho retoma o fio dos antecedentes históricos. Considera as modificações da ordem social no mundo ocidental na época dos grandes descobrimentos. Evidencia o mito da inexistência do medo de Deus e do Diabo como produto da liberdade individual. Considera que a Renascença não foi um movimento rápido. E dentro da Ibéria, mais ou menos segregada do resto da Europa, antolhavam-se dificuldades intransponíveis: dentro da Europa se debatia a Ibéria sob o jugo dos árabes muçulmanos. A Renascença veio mais tarde e muito lenta, não parecendo ter influído no movimento de libertação individual que apenas se esboçara. Houve evolução mas nunca um retorno.

Mostra como em relação aos impulsos do descobrimento do Brasil não havia como processo dominante a ambição desmedida do ouro e sensualidade livre, infrene e doentia, mas simplesmente uma espécie de instinto dinâmico. E as idéias religiosas então reinantes de modo absoluto antepunham-se a estas paixões.

Contraditando os alegados fatores desagregativos, mostra como incompreensível a assertiva da formação brasileira sem religião, sem ideal estético, sem preocupações de ordem política, intelectual ou artística, com a ausência de afetividade de ordem superior. A coesão na defesa para a expulsão de invasores, a exploração do litoral e dos sertões mostram como a sociedade colonial elvolveu adaptando-se sob múltiplos aspectos às condições ambientes de modo a constituir-se nação autônoma, crescendo, afirmando-se no concerto universal.

Em meio às adversidades, mostra o tratadista cearense contra os fatos degenerativos, "como a sociedade, fortemente amparada pela terra, pela religião, pela língua comum, pela moral, pelos interesses econômicos, esboçava um aspecto po-

(37) PRADO, Paulo. Op. cit., p. 11-13. Vide contestaço de Pompeu Sobrinho, op. cit., p. 3 e segs.

lítico de mais em mais bem definido". E conclui: "realmente, as numerosas e sucessivas manifestações nativistas o atestam" (38).

Em relação aos quadros de ambas as teses, é interessante evocá-los frente ao desenvolvimento econômico e social da realidade presente. Convém, todavia, vê-los: o de Paulo Prado, suscitado nos albores da revolução de 1930, quando São Paulo se afligia na crise do café que era a tristeza envolvente; o do nordestino Pompeu Sobrinho, vivendo esperanças já dentro daquela revolução, considerando "o contaste das cidades litorâneas com os campos dos sertões descuidados, as fazendas de criar abandonadas em regiões infestadas, com as populações anêmicas e desnutridas, desalentadas, maltrapilhas...", expressava-se dizendo que, no Brasil, só há tristeza sob o império despótico da fome e das moléstias. Em conclusão: "nos lugares naturalmente sadios, nas cidades higienizadas, não se conhece nenhum abatimento coletivo do espírito; a alegria torna-se geral e irradia de todas as manifestações sociais" (39).

* * *

Um outro estudo em que Pompeu Sobrinho dá a conhecer o seu espírito dialético é o ensaio **Parêntese Geográfico**, contradita ao escritor Fidelino de Figueiredo, historiador português, que, em um outro ensaio com o título **Parêntesis anti**-geográfico pretendera demolir a idéia da união entre a geografia e a história.

Em longa e primorosa dissertação, o Mestre cearense combate o ceticismo geográfico. Esclarece que "o fenômeno histórico é função da **sociedade**, em cujo seio se processa: do **homem** fator ativo de cuja atuação nasce; da tradição histórica que concorre para orientar o procedimento dos homens e, finalmente do **meio geográfico** (mais geralmente cósmico) ao mesmo tempo cenário e fonte de energia do drama histórico" (40). Em síntese, estabelece contra o apriorismo ideológico daquele historiador, que os fatores geográficos condicionam os fenômenos históricos, jamais assumindo a responsabilidade

(38) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 51-71.

(39) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 100-4.

(40) POMPEU SOBRINHO, Th. Parêntese geográfico. **Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. 46 :137-76, 147, 1932.

de iniciadores a qual compete ao psiquismo social. "Deste modo aliam-se ao meio social as tendências do processo histórico e assim estimulam, encaminham dentro de certos limites, aceleram, retardam ou impossibilitam o fenômeno histórico" (41).

A atualidade de Pompeu Sobrinho nestes tópicos evidencia-se, notadamente agora, quando Pierre Jorge, Guglielmo, Kayser e Lacoste ditam os princípios e objetivos da **Geografia Ativa.** Sobre tais fundamentos ele já em 1932 então se firmava.

A "Geografia", ensinam hoje os seus maiores especialistas no mundo, é o resultado e o prolongamento da "História". O objetivo da "Geografia Ativa" é "perceber as tendências e as perspectivas da evolução, medir em intensidade e em projeção espacial as relações entre as tendências do desenvolvimento e seus antagonistas, definir e avaliar a eficácia dos freios e obstáculos". (P. George) (42) Ensinam ainda aqueles Mestres que a "Geografia Ativa" consiste em estabelecer um elo entre o passado e o futuro com vistas à procura da continuidade histórica.

É precisamente isso o que antevia Pompeu Sobrinho. Neste caminho doutrinava, fazendo crítica científica e, pesquisando, buscava novos modelos de desenvolvimento para o Nordeste, especialmente para o Ceará. Examinou detidamente os antecedentes regionais básicos. Assim procede desde quando estuda a "Estrutura geológica do Ceará, examinando o complexo cristalino, ascende à camada humana, a exemplo do que publicou sobre — **O Homem do Nordeste**: pretendendo definir o homem nordestino, faz um retrospecto geográfico e histórico da região Nordeste. Estuda a "caatinga" e, em sua área, seu clima, a habitação, a família, as etnias. Informa sobre a história do povoamento, a influência indígena, a introdução de negros e a conseqüente miscigenação. Tenta determinar o normotipo, recorrendo à alimentação, ao trabalho, a qualidades físicas e intelectuais e às mais freqüentes doenças. Sociologicamente, estuda a moral sertaneja, sua economia, suas normas costumeiras de direito penal e o meio comercial. Esta visualização é abrangente, chegando a fornecer dados estatísticos (43).

(41) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 176.

(42) GEORGE, P. et alii. A Geografia ativa /La Geographie Active/ 3.ª ed. São Paulo, 1973, p. 26 (Difusão Européia do Livro).

(43) RODRIGUES, J. Honório. Índice anotado. Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza, t. 51: 31-88, 1959. Vide introdução do autor e repectiva resenha, p. 9-41, 84-9.

Seu outro ensaio sobre — **Povoamento do Nordeste brasileiro** é contribuição valiosa, estudando os primitivos habitantes, os ciclos do povoamento e a distribuição demográfica (44). Em **O Nordeste e suas feições geográficas mais características** oferece descrições de interesse específico para o Ceará (45).

Do povoamento ao homem do Nordeste, Pompeu Sobrinho busca o estudo do índio em diversas pesquisas, entre as quais vale salientar:

— **Contribuição para o estudo das afinidades do Kariri** — Após algumas considerações geográficas, mostra afinidades lingüísticas entre os grupos tupi, ketchua, animara, caribe e gê. Levanta o problema de que as afinidades resultam de diferenciações de um mesmo idioma falado em região qualquer, sendo porém mais antigo (46).

— "Os crânios da gruta do Canastra". Ocupando cerca de quarenta páginas da **Revista do Instituto do Ceará** (T. LVI, 153-193) este estudo é considerado pelo historiador J. Honório Rodrigues, "uma valiosa contribuição à antropologia física do Brasil". Relata que em 1937, a Sociedade Cearense de Geografia e História de Fortaleza, informada da existência no município de Sobral, na Serrota do Corrente, perto do lugar Santa Maria, fora descoberto um cemitério indígena, organizou uma comissão para o exame do mesmo. Foram encontrados pela Comissão vasos de argila, de forma troncocônica contendo ossadas, agrupados uns ao lado de outros. O material assim descoberto consta de 12 crâneos, cedidos ao Instituto do Ceará, foram objeto deste estudo craneológico de Pompeu Sobrinho (47).

— "fndios fulniô, Karnijós de Pernambuco" (T. XLIX, 31-58 da **Revista do Instituto do Ceará**). Começa com uma introdução sobre os tapuias nordestinos e baseando-se em material lingüístico de outros autores chega a afirmar que a língua dos Karnijós difere consideravelmente da dos Cariris (48).

— "fndios marrime" (T. XLV, 5-35 da **Rev. Inst. do Ceará**). O autor procura estudar os índios do Maranhão, os Mar-

(44) RODRIGUES, J. Honório. Op. cit., p. 86.
(45) RODRIGUES, J. Honório. Op cit., p. 87 e **Rev. do Inst. do Ceará**, t. 3, :57-141.
(46) RODRIGUES, J. Honório. Op. cit., p. 84-5.
(47) RODRIGUES, J. Honório — Op. cit., p. 85 e **Rev. do Inst. do Ceará**, t. 56: 153-96.
(48) RODRIGUES, J. Honório. Op. cit., p. 86 e **Rev. do Inst. do Ceará**, t. 49: 31-58.

rime do grupo dos índios Canela. Segundo consta, mandou vir alguns indivíduos para a sua residência em Fortaleza, passando a observá-los sob aspectos físicos e lingüísticos. Neste estudo publica um quadro lingüístico comparativo de algumas tribos. Oferece um vocabulário. O historiador J. Honório Rodrigues considera este estudo uma contribuição original. (49).

— "Lendas mehin" (T. XLIX da **Revista do Instituto do Ceará, p. 189-217**). Relaciona fazendo algumas considerações sobre lendas e sonhos destes índios na bacia do rio Corda no Maranhão (50).

— "Tapuias do Nordeste". (T. LIII da **Rev. do Inst. do Ceará** p. 221-235). Estuda diferenças entre a cultura tapuia de caráter continental da tupi litorânea do Nordeste do Brasil definindo três áreas culturais. Procura distinguir duas grandes famílias.

— "Os tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckman". (T. XLVIII da **Rev. do Inst. do Ceará**, p. 7-28). Faz uma introdução sobre o conhecimento colonial destes índios, antes da invasão holandesa. As notas que introduz são elucidativas, dizem da importância do trabalho examinado segundo traduções feitas por J. Higino em 1886. O historiador J. Honório Rodrigues considera este trabalho uma contribuição valiosa e interessante.

— "Sistema de parentesco dos índios Cariris". (T. LXI da **Rev. do Inst. do Ceará, p.** 163-180). O historiador referido regista que o autor com sua reconhecida competência e baseado em excelente e moderna bibliografia, estuda a religião, a família, a estrutura terminológica e o sistema de parentesco dos Cariri (51).

— "Vocabulário dos índios mutuans do Yamundá". (T. L, p. 116-184). Aventa a hipótese de que o falar dos índios mutuans seja Karaiba e dá o vocabulário comparativo de 25 línguas indígenas.

Nestas preliminares contribuições é possível vislumbrar o grande interesse e preocupações de ordem antropológica em que vivia mergulhado o espírito de T. Pompeu Sobrinho. Daí, transporta-se ao estudo de inscrições rupestres, a exemplo de: "Os litóglifos da Pedra do Oratório". (**Rev. do Inst. do Ceará,**

(49) RODRIGUES, J. Honório. Op. cit., 86 e **Rev. do Inst. do Ceará,** t. 45: 5-35.
(50) RODRIGUES, J. Honório. Op., cit., p. 86 e **Rev. do Inst. do Ceará,** t. 45: 5-35.
(51) RODRIGUES, J. Honório. Op. cit., p. 88 e **Rev. do Inst. do Ceará,** t. 61: 163-80.

T. XLVIII, p. 5-30); "Migrações paleolíticas e as inscrições rupestres da América". (**Rev. do Ints. do Ceará**, T. LXIX, p. 5-20); "Inscrições rupestres do Ceará". (T. LXX da **Rev. do Inst. do Ceará**, p. 115-126).

Pré-história Cearense — Monografia n.º 3 — Coleção Instituto do Ceará (1955) é considerado competente e erudito estudo subseqüente à Protohistória Cearense. Aprofunda-se no povoamento pré-colombiano do Nordeste brasileiro. Como explica o autor, consta a monografia de duas partes, cogitando a primeira do povoamento inicial da região. Vale por uma introdução, pois, tratando-se de população selvagem, de cultura rudimentaríssima, procura examinar, antes de tudo, suas origens certas ou prováveis, e explicar com os elementos disponíveis, como e quando veio esta gente ao território cearense. A segunda parte procura coligir as manifestações culturais daqueles habitantes através dos vetustos monumentos que nos legaram. O autor explica as dificuldades que encontrou na segunda parte da obra relativamente às inscrições rupestres, objetos de pedra, cerâmica, fazendo considerações finais e conclusões.

Prefaciando o livro **Páginas de História e Pré-História**, de Carlos Studart, seu sucessor na Presidência do Instituto do Ceará, Pompeu Sobrinho faz um retrospecto dos mais notáveis obreiros da historiografia cearense que se voltaram também para os estudos da Pré-História cearense, notadamente o professor Studart, na alentada contribuição que investiga com espírito de elucidação (52).

O leitor que se dispuser a um repasse sobre as conjecturas ou hipóteses levantadas, encontrará curiosidades a exemplo das assertivas a respeito do povoamento do Nordeste e especialmente do Ceará, como estas:

> "Resulta de tudo quanto observamos precedentemente que o povoamento do Ceará e Estados vizinhos se fez por etapas diferentes, em épocas diversas. Sem dúvida, os primeiros habitantes desta região foram descendentes das duas primeiras correntes que chegaram do Velho Mundo a este continente. Eram, conseqüentemente, australóides primi-

(52) STUDART, Carlos (Filho) **Páginas de história e pré-história.** Ed. Instituto do Ceará, 1966.

tivos, já ajustados ao meio americano e seguramente já miscigenados entre si numa escala elevada (53).

E ainda estas considerações:

> "Os representantes mais lídimos desse povo foram ocupar o extremo sul do continente e o planalto central do Brasil, derramando-se pela sua encosta oriental, inclusive no Estado de Minas Gerais. Desta região passaram paulatinamente para o Nordeste brasileiro **já então semi-árido e coberto de caatingas.** Embora não seja possível precisar com necessário rigor, é de crer que chegaram a estas paragens bem antes que representantes de outras correntes migratórias tenham atingido as raias brasileiras." (54).

> **Manual de Antropologia** — 1.º Vol. **Antropologia Física** e 2.º Vol. **Fisio-Psicologia e Antropotipologia** com 620 p. ilustrado com 135 lâminas, contendo ainda uma parte de Estatística. Imprensa Universitária do Ceará — 1961.

A necessidade de empreender investigações de campo, mais precisas dos fenômenos físicos e sociais, muito preocupou a T. Pompeu Sobrinho, voltado nos últimos anos de sua vida, para a implantação do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará, setor que fundou e dirigiu a convite do então Reitor, prof. Martins Filho. Graças à compreensão ativa do fundador dessa Universidade, conseguiu lançar as bases seguras e de interesse cultural da Instituição universitária. Naquela oportunidade elaborou e conseguiu que fossem publicados o 1.º e 2.º Vols. de um verdadeiro tratado de Antropologia, para fins didáticos e destinado à formação numa visão integrativa da problemática universal pelo regional. Ele antevia a nova feição do moderno desenvolvimento político quando assim se referia à Antropologia:

"Atualmente, a Antropologia já não é a ciência indiscriminada do homem. Tem conceito próprio e é relativamente independente. Pode ser definida como: (o conhecimento ne-

(53) POMPEU SOBRINHO, Th. **Pré-história cearense.** Fortaleza, Ed. Inst. do Ceará, 1955. (Col. Instituto do Ceará, monografia, 3).

(54) POMPEU SOBRINHO, Th. Op. cit., p. 118 e segs.

cessário e suficiente para permitir a compreensão da natureza biológica e mental do homem no sentido precípuo de lhe dar mais acertada orientação no curso da vida)". A Antropologia assim compreendida pelo autor guardaria uma abrangência histórica, psicológica e filosófica. Teria que assim estudar o desenvolvimento do homem e de suas manifestações através do tempo, desde as suas origens. "Haveria também de compreender toda a engrenagem da conduta individual e social, bem como sondar e projetar no futuro os problemas basilares de natureza humana, ainda mal equacionados, titubiantes e susceptíveis de várias interpretaçeõs" (55).

História das Secas — Monografia N.º 23, 2.º Volume — Século XX — Coleção Instituto do Ceará — Ed. A. Batista Fontenele, Fortaleza, 541, p. 1953.

Ao escrever a Introdução do 1.º Vol. da História das Secas, escrito por Joaquim Alves, do Instituto do Ceará, a qual compreende os séculos XVII a XIX, T. Pompeu Sobrinho evidencia que malgrado a vasta literatura existente sobre as secas do Nordeste, fragmentária e dispersiva, servindo apenas à promocão da piedade e não à solucão dos problemas, não se escrevera até então uma história sistemática, tendo o Instituto do Ceará a primazia de fazê-lo. Tratando da parte que lhe compete, o autor do 2.º Volume dá a conhecer o aprofundamento antropológico do seu estudo.

Para o nosso homenageado, o problema das secas, em síntese, consta de quatro questões: 1 — ajustamento do meio físico ou geográfico que é em essência o próblema da água e de sua distribuição racional, e da preparacão pedológica ou do solo; 2 — ajustamento do homem nordestino ao meio geográfico valorizado — problema educacional de máxima importância; 3 — recrutamento e adestramento de técnicos, numérica e moralmente suficientes; 4 — preparação política.

A primeira parte da obra compreende — As Secas na amplitude considerada de 1900 a 1950: seqüências e reações; evolucão do conhecimento do fenômeno e respectivo apanhado cronológico na 1.ª metade do século XX; evolução do problema na ordem das soluções propostas; a continuação do problema e o enfoque da "solução compósita"; apreciação sumária de alguns fatores e eficácia das reações. A segunda par-

(55) POMPEU SOBRINHO, Th. **Manual de antropologia**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1961, 2 v.

te trata da luta contra as secas — ação oficial e contribuição particular. O autor tenta então esboçar a sua crítica dentro de uma apropriada periodização. Aprecia o que se fez e o que se deixou de fazer em favor do homem do Nordeste, chegando à conclusão da necessidade de fixar-se uma doutrina de base na experiência histórica.

Transpondo os limites da solução hidráulica, das soluções florestal e hidrológica, bem assim do preconizado manejo e aproveitamento dos solos pela **dry farming** ou pela agricultura conservadorista (conservação do solo e da água), foi o primeiro a formular uma **solução compósita** ou antropológica: adequado ajustamento do meio físico e do meio social a situações novas, que impliquem no máximo rendimento e êxito do trabalho racionalmente humanizado mediante o conhecimento integral do próprio homem da região (56).

"Orientação científica na luta contra as secas". Em 1958 o autor, em fundamental artigo na **Revista do Instituto do Ceará** (T. LXXII), completa o seu julgamento ou crítica histórica numa avaliação do que a IFOCS realizou na orientação científica, deste Arrojado Lisboa e comenta os revezes sofridos, resultantes menos da falta de esforços das administrações públicas, do que da desorganização dos serviços por falta de espírito científico nas maiores atividades da luta contra as secas (57).

Valorização do Nordeste — "Um plano de estudo sócio-cultural da Área Nordestina". Em 1959, à frente do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará publica o programa de pesquisa de natureza antropológica, objetivando empreendimentos nas comunidades rurais de Juatama, Iguape e D. Maurício. (**Boletim de Antropologia** — Vol. n.º 3, I da Universidade Federal do Ceará — 3 (1): 3-16). Em 1960, no mesmo Boletim, publica o respectivo Projeto de pesquisa sócio-cultural do Ceará — 4 (1): 3-26 — Dezembro — Fortaleza-Ceará. Tinha o projeto por objetivo acumular um acervo de conhecimentos de valor prático no campo antropológico; físico

(56) POMPEU SOBRINHO, Th. **História das secas**. Fortaleza, Ed. A. Batista Fontenele, 1953, v. 2, p. 76 e segs. (Col. Instituto do Ceará, monografia, 23).

(57) POMPEU SOBRINHO, Th. Orientação científica na luta contra as secas. **Rev. do Instituto do Ceará**, t. 67, 1958. A luta por uma política científica espelha-se nas convicções do autor desde os seus primeiros trabalhos. É mui recente no Brasil o movimento que se opera nesta diretriz, a exemplo do conteúdo do livro de Oscar Varsavsky, doutor em física, em matemática e cientista social — **Por uma política científica nacional**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

ou fisiográfico, biológico, ecológico, social e cultural, suficientes e necessários para organizar um plano adequado de mudança social. Além deste, de caráter imediato, constituía objetivo mediato da pesquisa: o "ajustamento das populações cearenses" ao seu meio, por sua vez adequadamente aparelhado para permitir um maior rendimento de trabalho produtivo (58).

ESCRITOR GEOPÔNICO

(Professor e fundador do ensino agronômico no Ceará)

A atividade pioneira de Pompeu Sobrinho em favor da agricultura cearense remonta a 1913, em Quixadá, quando era fundada ali, à jusante do açude do Cedro, a "Escola Prática de Agricultura", mantida por iniciativa particular do "Sindicato Agrícola de Quixadá", do qual era Presidente o jovem engenheiro acima referido. Era Diretor daquela Escola, que tinha por finalidade preparar lavradores e criadores práticos, Alfredo Benna, agrônomo italiano. Do corpo docente fazia parte também Pompeu Sobrinho (59). Surge então na imprensa com artigos sobre geo-economia, cultura seca, florestamento e reflorestamento, ensino de agricultura.

Mais tarde, fundada a Escola de Agronomia do Ceará, 1918, por iniciativa particular, ocupa a cátedra de Engenharia Rural, Hidráulica e Construções Rurais, transmitindo aos estudantes de Agronomia a sua experiência em problemas de açudagem e irrigação. Básico o livro que em 1917 publicou **A Indústria Pastoril no Ceará** em que propõe um plano de desenvolvimento, demonstrando que solucionar o problema das secas é assegurar às indústrias agropecuárias o seu desenvolvimento. O que escreveu naquele livro ainda constitui um roteiro para os agrônomos, merecendo prosseguimento por intermédio de pesquisas recomendáveis. Depois de examinar o processo histórico, conclui ser o Ceará fundamentalmente pastoril. Reporta-se ao clima, à flora, à fauna, às pastagens nativas, à salubridade da terra e do criatório. Pesa os obstáculos naturais, as secas, as zoonoses e animais nocivos. Em

(58) POMPEU SOBRINHO, Th. Valorização do Nordeste. **Rev. do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. 75, 76, 1961, 1962.

(59) ANDRADE, F. Alves de. **Ensino e desenvolvimento das ciências agrárias no Nordeste; Ceará 1918-1978**. Fortaleza, BNB, 1979. cp. 1, p. 43-68 e segs.

uma segunda parte, estuda as raças introduzidas e a luta contra o meio. Examina as condições da fazenda sertaneja, sua economia, possibilidades e melhoramento. Pondera a alimentação como fundamental e dá a conhecer as primeiras análises das forrageiras nativas do Ceará, indicando seu racional aproveitamento ([60]).

Foi, desde 1916, o precursor do cultivo do algodão arbóreo, de fibra longa, no Ceará. Fez-se ele próprio agricultor da malvácea realizando demonstrações de resultados em Quixadá. Também naquele Município fez-se zootecnista, como criador, tentando os primeiros ensaios sobre a raça suíça, que introduziu e melhorou em sua Fazenda Jardim, selecionando tipos e fazendo cruzamentos ([61]). Em 1934 publica "O algodão como subsidiário das obras contra as secas" ([62]). No mesmo ano propõe "A organização de um estabelecimento de Crédito Agrícola apropriado às condições Nordestinas". Trata-se de um programa para a implantação do Instituto do Algodão do Ceará ([63]).

Em 1936 publica o seu comunicado à "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres" na **Revista Nordeste Agrícola**, com o título "Sugestões para a Lei Orgânica das Secas" ([64]). Propõe neste trabalho nova organização para o IFOCS, compreendendo — "Seção de Estudos — Seção de Obras — Seção Antropológica". Esta última abrangeria: campos de demonstração de irrigação e drenagem, lavoura seca, lavouras resistentes às secas, escolas profissionais práticas, associações cooperativas e muitas outras disposições. Debatia que era preciso sobretudo reconhecer o aspecto humano e educar a atividade conveniente do nordestino.

Em 1967, no ano em que desapareceu T. Pompeu Sobrinho, a **Revista Aspectos**, da Secretaria de Cultura do Ceará, publica o seu último artigo com o título — "Algumas notas sobre a Hidrografia Cearense". Este trabalho aparece ao lado

(60) ANDRADE, F. Alves de. Op. cit., p. 183 e segs.

(61) POMPEU SOBRINHO, Th. **A Indústria pastril no Ceará**. Fortaleza, Tip. Gadelha, 1917.

(62) ANDRADE, F. Alves de & GALENO, C. Maria S. **Humanismo telúrico no Nordeste**. Fortaleza, Ed. H. Galeno, 1971. Vide nota n. 15, p. 70.

(61) POMPEU SOBRINHO, Th. O Algodão como subsidiário das obras contra as secas. **B. IFOCS**, Fortaleza, 1 (2): 65-72, fev., 1934.

(64) POMPEU SOBRINHO, Th. Sugestões para a lei orgânica das secas. **Rev. Nordeste Agrícola**, 1 (5-7) jun./agos., 1936. A amplitude e abrangência das indicações se contrapõem ao aspecto reduzido e absolutamente limitado de hoje, podendo a filosofia do autor ainda servir de modelo no presente e para o futuro.

de um outro de Guimarães Duque — "O sertanejo e as modificações da Sociedade", contendo um e outro reflexões fundamentais de doutrina para a orientação dos serviços de desenvolvimento do Nordeste. São lições que não podem e nem devem ser esquecidas (65).

Tratando dos recursos hídricos, hoje e sempre na pauta das preocupações do mundo, o autor desenvolve o seu ensaio em método de sistema. Considera a hidrografia marítima e as águas interiores como influindo fundamentalmente na formação do homem do Nordeste desde a primeira ocupação.

Sesmarias Cearenses, publicada em 1979 pela Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (SUDEC) é o último livro de Th. Pompeu Sobrinho, editado após a sua morte graças ao cuidado do prof. Raimundo Girão, cujos originais preservou, passando-os a Laudomiro Pereira que os datilografou e organizou. Traz a introdução do emérito historiador, que explica a importância deste levantamento destinado a prestar auxílios aos historiadores, advogados, magistrados, geógrafos e sociólogos.

* * *

A tese que temos sempre defendido inclina-se em apresentar o escritor T. Pompeu Sobrinho como pioneiro da "Geografia Ativa" no Brasil, especialmente dedicado à problemática do Nordeste. Assim ocorrendo, ele foi um inconfundível precursor do desenvolvimento econômico, apoiado nos anseios de uma política objetiva, centrada na antropologia cultural. Tem isso explicação no fato de haver ele realizado uma monumental obra em que examina os antecedentes regionais básicos da região, aprofundando-se na história, indo por noite adentro dos tempos à **Pré-História** e à **Protohistória.** Eis que seus trabalhos de geografia e história voltam-se para o inquietante problema das secas, uma constante da região. Examinando-se a longa bibliografia que a professora Maria da Conceição Sousa pôde atualizar (66) sobre tudo quanto ele publicou, chega-se à conclusão de que ninguém melhor que ele, no

(65) POMPEU SOBRINHO, Th. Algumas notas sobre a hidrografia cearense. **Rev. Aspectos,** Fortaleza, (1): 57-94. 1967.

(66) SOUSA, Maria da Conceição. Bibliografia sobre Thomaz Pompeu de Sousa Brazil Sobrinho. In: **Humanismo telúrico do Nordeste**, p. 77-111. A mesma biblioteconomista atualizou referido esboço bibliográfico, em competente levantamento que completa estes informes.

Nordeste, soube estabelecer um elo incomparável entre o passado e o futuro, com vistas à continuidade histórica, dando a conhecer tendências e perspectivas de sumo interesse para o desenvolvimento econômico e social do Nordeste, especialmente no Ceará.

Pode-se dizer que o consagrado escritor realizou tentáculos de análise e de síntese. Lemos em sua obra a trajetória que vai do físico ao humano. Acompanhou nos fenômenos de ordem física as preocupações voltadas para o campo administrativo, governamental, empenhado na adaptação do meio ao homem e deste ao processo das transformações. Sentiu logo a necessidade de estudos antropológicos para o ajustamento geral, de caráter sócio-cultural, fixando-se na experiência histórica como instrumento de trabalho para os programas de desenvolvimento. Eis que o período do economismo puro, estreito, abstrato, obscuro, inelutavelmente findou. Renasce o ímpeto da civilização do essencial a caminho da humanização da economia e da tecnologia. É preciso procurar **Humanistas**, cuidar do sujeito e não apenas do objeto, obscuro, insensível, material e rude.